



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

Bárbara Carvalho dos Santos

**CIRANDAR: O PAPEL DA MÚSICA NA FORMAÇÃO DA
INFÂNCIA NO MST**

**Brasília
2024**

Bárbara Carvalho dos Santos

**CIRANDAR: O PAPEL DA MÚSICA NA FORMAÇÃO DA
INFÂNCIA NO MST**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Caroline Bahniuk

**Brasília
2024**

Bárbara Carvalho dos Santos

**CIRANDAR: O PAPEL DA MÚSICA NA FORMAÇÃO DA
INFÂNCIA NO MST**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial de aprovação na
disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Caroline Bahniuk (Orientadora) – Faculdade de Educação – UnB

Prof^ª. Dr^ª. Silmara Carina Dornelas Munhoz (Titular) – Faculdade de Educação – UnB

Prof. Dr^ª. Caetana Juracy Rezende Silva (Titular) – Faculdade de Educação – UnB

Prof. Dr. Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira (Suplente) – Faculdade de Educação – UnB

**Brasília
2024**

SUMÁRIO

RESUMO	5
AGRADECIMENTOS	6
MEMORIAL.....	8
INTRODUÇÃO	10
1 A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA E A PARTICULARIDADE DA INFÂNCIA SEM TERRINHA	14
1.1 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO INFÂNCIA.....	14
1.2 A INFÂNCIA NO MST	16
1.2.1 EXPERIÊNCIAS NA CIRANDA INFANTIL DO MST.....	21
2 A MUSICALIDADE DO MST E AS CRIANÇAS	27
2.1 A MÚSICA E O MST	27
2.2 A MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEM TERRINHA.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42

RESUMO

Essa monografia tem por objetivo analisar as formas de contribuição da música na construção da infância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e na vivência das crianças Sem Terrinha. Para isso, levou em consideração e investigou como a música ajuda e intervém na compreensão de mundo, no desenvolvimento e na aprendizagem, na expressão de sentimentos, no pertencimento, nas lutas e outras manifestações desses sujeitos. Com esse fim, a pesquisa foi desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico, pesquisa documental e observação. O primeiro consistiu num levantamento em livros, artigos, monografias sobre a infância, a particularidade da infância no MST e a contribuição da música no MST. A pesquisa documental foi realizada nos materiais do Movimento Sem Terra, dando ênfase ao Caderno de Canções Infantis (2018), que se delinea como instrumento para análise da expressão musical na vivência das crianças nesse espaço. Ademais, a partir da observação, com a experiência pessoal da autora em duas Cirandas Infantis realizadas em espaços do MST no DF. O trabalho buscou discutir as diversas infâncias e a Ciranda Infantil no MST, bem como, discorrer sobre a função da música no processo de formação da infância no Movimento Sem Terra apontando pontos efetivos na construção dessa infância, tendo a música como ferramenta ativa nesse processo. Ao final concluímos que a infância da criança Sem Terrinha é singular, como outras e traz consigo diferentes aspectos. A música - levando em consideração sua capacidade de expressão - no sentido de englobar as particularidades sociais e políticas e tendo participação ativa na cotidianidade dessas crianças, torna-se uma das formas de arte capazes de dar voz e sentido as experiências determinantes desse tipo de infância uma vez que, é espaço para pertencimento e reconhecimento por parte da criança.

Palavras-Chaves: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; Infância; Criança; Ciranda Infantil; Música.

AGRADECIMENTOS

Por seis anos me vi estudante da Universidade de Brasília, o que era um sonho distante, se tornou a minha realidade durante todo esse tempo. Hoje cada passo que tomei e caminhos que percorri dentro da UnB valeram a pena e me fizeram quem eu sou e contribuirão para a profissional que estou me tornando.

A Pedagogia sempre esteve em minha vida. Desde cedo, costumava brincar muito de sala de aula com minhas primas, ora como aluna, ora professora. Em 2014, minha prima Juliana se formou em Pedagogia, também pela UnB e sempre acompanhei seu trabalho e me afeiçoei por ele. O amor pela Educação e pelas Artes andavam de mãos dadas. Após um ano e meio na UnB, Arquitetura já não fazia mais sentido para mim e em 2019, resolvi, em meio ao medo e angústia das incertezas do futuro, iniciar uma transferência interna para Pedagogia. Me apaixonei por essa profissão e atualmente não me vejo em outro caminho e sou muita grata por ter conseguido e tido a oportunidade de vivenciar a Faculdade de Educação de uma forma tão especial.

Agradeço à minha mãe, Tida, por sempre me apoiar em qualquer circunstância e me incentivar a trilhar o caminho que eu quisesse e fosse me fazer feliz independente de qualquer situação externa, apesar de terem tantas dificuldades, por sempre me ajudar e prover tudo que necessitei durante minha vida e ser o meu exemplo de fortaleza e amor. Agradeço ao meu pai, José, por entender e também me incentivar a ser educadora e por todo o carinho que me dá. Agradeço a Ana Paula, Mariana, Alexandre e Ana Clara que estiveram presentes e participaram da minha trajetória acadêmica em tantos momentos, dos mais sérios aos descontraídos e especiais. Agradeço a todas as pessoas que passaram pela minha vida durante esse processo, aos meus familiares e amigos e ao Samuel e sua família. Agradeço a Daniela e Gabriela que são minhas amigas/irmãs há 19 anos e ao Lucas, que também me apoiou em diversos momentos dessa trajetória. Agradeço as minhas primas Juliana e Carolina, que hoje são Pedagogas, me inspiram diariamente e partilham comigo essa profissão.

Agradeço ao Ensino Público, se não fosse por isso não estaria aqui escrevendo esta monografia, não estaria estudando, muito menos me formando. E espero contribuir para a formação de tantas outras pessoas que como eu vieram de realidades difíceis e viram na educação uma saída e luz para alçar melhores caminhos.

Agradeço a Universidade de Brasília, por me acolher não uma, como duas vezes em cursos diferentes e me proporcionar diferentes vivências, da partilha de estudos e saberes com tantos professores e colegas e por conseguir permanecer e me sentir pertencente desse espaço que tanto almejei estar.

Agradeço ao Movimento Sem Terra e as crianças Sem Terrinha e suas famílias que me acolheram e assim pude tecer meu Trabalho de Conclusão de Curso.

E agradeço a minha orientadora, Carol Bahniuk, que me acolheu, abriu as portas para que eu pudesse fazer minhas pesquisas no MST e me ajudou em todo o processo e reta final do meu caminho da UnB.

Agradeço a mim e a todos que estiveram comigo, a Universidade de Brasília, a Faculdade de Educação e ao MST e as crianças Sem Terrinha. A todos um muito obrigado cheio de amor, esperança, fé e gratidão!

MEMORIAL

Estudei toda minha vida em escolas públicas onde resido, no Guará. Minha primeira experiência escolar ocorreu aos quatro anos e a primeira escola em que estudei foi a Escola Classe 08 do Guará (antigo CEF 07). Dela não tenho muitas memórias concretas de minha experiência, mas lembro-me do meu primeiro dia de aula, de me sentir extremamente animada e feliz por estar indo à escola, a ansiedade para conhecer pessoas e ter novas experiências. Como de costume meus pais registraram esse momento e tenho a foto até hoje, nela estou eu com um sorriso largo, com o uniforme cinza e azul-marinho da escola, fazendo pose e demonstrando toda a felicidade que eu sentia.

Logo após, aos cinco anos, fui estudar em uma escola pequena próxima à minha casa, uma rua acima, a Escola Classe 06 do Guará, passei pouco tempo nessa escola, não lembro exatamente por ser muito pequena, tenho lembranças de brincadeiras, recreios, desenhos, mas nada além disso.

No primeiro ano do Ensino Fundamental fui para a Escola Classe 03 do Guará, onde fiquei até a quarto ano e aprendi a ler e escrever. Era uma escola que eu gostava muito, aconteciam muitos projetos de literatura, teatrinhos, festas temáticas, horário integral no horário oposto ao de aulas, fazíamos atividades físicas; tinham ótimos professores... foram momentos bons naquele local, e guardo-os comigo até hoje. Uma professora que me marcou muito nessa escola foi a professora Cassiana, do então quarto ano, por ser a primeira professora negra que tive, uma mulher jovem e muito acolhedora. Apesar do ambiente pautado na pedagogia tradicional, via ela como mediadora, nos inspirava a escrever textos para além dos livros didáticos e suas aulas eram muito participativas.

Após essa, segui para os anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola próxima à anterior, Centro de Ensino Fundamental 02 do Guará, conhecido como CEF 02. Era uma boa escola, os professores eram mais rígidos que os da escola anterior, os horários maiores e nessa eu estudava as disciplinas separadamente, indo de sala em sala para assistir às aulas. Fiz grandes amigos e continuei com alguns que me acompanharam, tive inúmeras novas experiências nesse colégio, algumas boas e outras nem tanto, mas contribuíram para que eu me tornasse quem sou hoje. Lá, também, tive contato muito forte com a música, tínhamos aulas de canto e de instrumentos de sopro, despertando em mim uma paixão pela Arte, em suas diversas manifestações.

No Ensino Médio estudei em uma outra escola que ficava, também, praticamente ao lado da antiga, o Centro de Ensino Médio 1 do Guará, conhecido como GG. Uma escola pública muito boa e que foi extremamente importante para minha aprovação na UnB. Lá também tive boas experiências e tenho ótimas lembranças, além de memórias dos bons professores que encontrei em meu caminho, não só dessa escola, mas das outras também.

Enquanto finalizava o Ensino Médio, eu também estudei em um cursinho público chamado

“Bora Vencer” e outro curso público de desenho, ofertado pelo GALT Vestibulares, na esperança de uma vaga na Universidade Pública. Na época meu objetivo era me tornar uma estudante de Arquitetura e Urbanismo e assim aconteceu. Em março de 2018, iniciei minha jornada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília e durante um ano e meio fiz o curso. Mas não estava satisfeita e dentro de mim sentia a vontade de mudar e que aquela profissão não era para mim. Muitos fatores me levaram a essa decisão, e no terceiro semestre eu decidi trancar a faculdade e alçar novos rumos.

Sempre pensei em ser professora, mas não era algo que queria de começo. Fui chamada para trabalhar dando aulas de Inglês para crianças de 0 a 6 anos e foi aí que tudo mudou. Me vi naquela profissão mais do que em qualquer uma! E decidi realizar algumas disciplinas na Faculdade de Educação para ter certeza. Foi amor à primeira vista e decidida iniciei o processo de transferência interna de curso, passei pela pandemia e em 2021 consegui completar o processo, me tornando estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

A trajetória na Faculdade de Educação foi tranquila, apesar de cansativa; tive muitas experiências que levarei comigo por toda minha vida profissional. Foram muitas horas de dedicação, estudos, conciliando a Universidade com a rotina da vida fora dela, mas todo o processo foi muito rico e gratificante. Me senti acolhida pela Faculdade de Educação, pelos docentes, por todos os colegas com quem compartilhei esse processo e sou muito grata por tudo.

Sempre tive vontade de trabalhar com Educação Popular, Educação de Jovens Adultos e Idosos e Socioeducação; já havia tido experiências como voluntária em cursinho Popular e na disciplina de EJA. Mas fazer a disciplina de Estágio Obrigatório IV: espaços educativos não-escolares com a Carol foi um divisor de águas para mim e tive certeza que estava no caminho certo. A escolha do tema do TCC vem do encontro com ela e do meu amor por arte e pelas crianças. Ali, cumprindo as horas de estágio na Ciranda Infantil do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra veio a ideia da temática dessa monografia e não poderia estar mais realizada com os resultados.

Olhando para trás, vejo que tudo valeu a pena. Cada desafio, cada percalço, cada conquista efetivada, decisões que foram tomadas e definitivamente, tudo me trouxe aonde estou. Na reta final do curso de Pedagogia, vejo que trilhei o caminho certo e cheguei aonde sempre quis. Me sinto orgulhosa de toda minha trajetória como estudante e agora me vejo preparada para trilhar o caminho da educação sob um novo olhar: o de educadora.

INTRODUÇÃO

A música é tida como expressão cultural das civilizações. Se dá de diferentes formas e com diferentes ressonâncias. É expressão livre dos sentidos, e toda a sociedade pode participar da construção musical, inclusive as crianças.

Os bebês já têm contato com a música antes mesmo de nascerem ainda no útero e constituem vínculos ao seu redor. A música nessa fase já se mostra aliada ao desenvolvimento dos pequenos. Logo, entende-se que, vivendo em sociedade e continuando a experienciar a atividade musical, o desenvolvimento das crianças se dará de forma autônoma e criativa. Lino e Richter (2019, p. 16) colocam que: “O som, o ruído, o silêncio e as músicas do entorno cultural das crianças coexistem na rede de singularidades por elas constituídas na pluralidade da convivência com outros”.

A experiência musical se constitui em diversos ambientes nas vidas das crianças e como seres de direitos e quereres, participam ativamente de diferentes âmbitos do cotidiano e da sociedade, incluindo o político. Nessa direção, percebemos que a música é uma ferramenta importante no pertencimento e na vivência das crianças nos movimentos sociais, como no Movimento Sem Terra (MST), movimento esse com mais de quarenta anos de existência e que luta por terra, reforma agrária e transformação social, no Brasil. Com a música, as crianças encontram muitas possibilidades de expressão dentro do Movimento, seja em uma plenária, em um encontro, uma mobilização, nas escolas de assentamentos e acampamentos ou mesmo dentro da Ciranda Infantil, que é o espaço designado aos pequenos “Sem-Terrinhas”.

Ciranda Infantil é um espaço educativo da infância Sem Terra, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e mantidos por cooperativas, centros de formação e pelo próprio MST, em seus assentamentos e acampamentos. O nome foi escolhido pelo fato de ciranda remeter à cultura popular e estar presente nas danças, brincadeiras e cantigas de roda vivenciadas pelas crianças no coletivo infantil (ROSSETTO e SILVA, 2012, p. 127).

Sendo assim, pensar nas diferentes formas de expressão das crianças dentro do MST torna-se importante para entender como se desenham e se fundamentam na construção da infância dentro desse espaço. E para discorrer acerca da infância no campo precisa-se levar em consideração diferentes aspectos e diferentes infâncias, entendendo as crianças do campo como sujeitos globais, plurais, levando em consideração os recortes de classe, gênero, raça, etnia que perpassam essas vidas.

Silva, Felipe e Ramos (2012) pontuam que o espaço de coletividade das crianças do campo se constitui na participação no trabalho, nas atividades políticas, culturais e religiosas, na criação de espaços lúdicos, na luta pelos direitos que têm significação para a comunidade e para as crianças,

intervindo do jeito delas e com suas presenças nas atividades que compartilham com os adultos.

Isto posto, têm-se como objetivo geral desta pesquisa analisar as formas de contribuição da música na construção da infância do Movimento Sem Terra e na vivência das crianças Sem Terrinha. Vale ressaltar a pluralidade dos pequenos e o acesso a diferentes gêneros e tipologias musicais, que também se tornam importantes no processo de construção infantil como sujeitos na sociedade brasileira e dentro do Movimento Sem Terra.

Nessa direção e reconhecendo a música como parte da cotidianidade das crianças Sem-Terrinha, visando seu aspecto transformador e contributivo para a construção da infância no campo, sobretudo no MST, a problemática central dessa pesquisa refere-se a: como a música contribui na construção da infância no Movimento Sem Terra e como ela se apresenta nesse contexto? De que forma ela ajuda e intervém na compreensão de mundo, no desenvolvimento e na aprendizagem, na expressão de sentimentos, particularidades, pertencimento, lutas e manifestações desses sujeitos?

A reflexão acerca da música como instrumento de transformação social é de significativa importância levando em consideração o contexto das crianças do MST. Pesquisar a construção do ser criança e estar inserido dentro de um movimento social, tendo como recorte a musicalidade do ambiente e como esta interfere nele e nessas pessoas faz-se necessário para entender a particularidade da infância, e as especificidades de viver esse tempo de vida no MST.

Participando ativamente dos momentos de reuniões e encontros do Movimento pude perceber, sentir e entender a essencialidade dos ritos, hinos, gritos e sons que entoavam os momentos compartilhados por todos que ali estavam. Com as crianças não é diferente, a sonoridade desenha o ambiente da Ciranda Infantil e as canções ali entoadas tornam-se pontos de partida para diversas atividades e momentos com as crianças e constituem quem elas são, dentro e fora dessa conjuntura.

Levando em consideração o tema abordado e tendo como base a experiencição das crianças no MST nas Cirandas Infantis, o presente trabalho seguirá uma abordagem qualitativa de investigação. Quanto as formas de coleta de dados, foram escolhidos três que melhor respondem aos objetivos propostos: a observação, o levantamento bibliográfico e a pesquisa documental, para assim, encontrar sentido e explorar a participação ativa da música no cotidiano dos Sem Terrinha.

A observação ocorreu em dois momentos em que vivenciamos e atuamos junto a Ciranda Infantil do MST. A primeira fez parte do ¹Estágio Obrigatório IV: Espaços Não Escolares do curso de Pedagogia. A intervenção do estágio aconteceu entre os dias 13 à 15 janeiro de 2023, no 23^o

¹ O Estágio Obrigatório IV: Espaços não-escolares evidencia o papel do pedagogo nos processos de produção, organização e articulação do conhecimento e da práxis pedagógica no âmbito de espaços educativos não escolares: diagnóstico da realidade, observação, participação, análise, planejamento, execução e avaliação de atividades educativas em espaços educativos não escolares.

Encontro Estadual do MST do DF e entorno e envolveu 10 crianças na idade de 4 a 12 anos. Foi realizado no Centro de Formação Gabriela Monteiro, localizado em Brazlândia- DF. A segunda Ciranda Infantil foi realizada no Acampamento Nacional da Juventude da ²Via Campesina: em luta por terra e soberania popular! no período de 13 a 17 de outubro de 2023, e envolveu aproximadamente 30 crianças, de 6 meses a 12 anos e se realizou nas dependências do estádio Nilson Nelson, em Brasília. Utilizamos o relatório final de estágio da primeira experiência e nossas anotações e impressões da segunda nessa pesquisa.

O levantamento bibliográfico consistiu num estudo sobre Infância e Infância no MST, a partir dos seguintes autores Kuhlmann e Fernandes (2012), Ariès (1986), Cohn (2005), Mello (2007), Dahlberg, Moss e Pence (2003), Caldart (2000), Dalmagro (2010), Arenhart (2007) e Silva, Felipe e Ramos (2012). O processo envolveu a busca de trabalhos sobre os temas, em especial sobre a temática Música e Infância no MST, destacamos Ramos (2013) e Santos (2016) – as quais se referem a duas monografias: a primeira de especialização e a segunda de graduação.

Em relação à pesquisa documental, levando em consideração documentos elaborados pelos trabalhadores rurais e a historicidade da música e suas influências para o Movimento e pela busca de materiais no interior do MST, selecionamos um documento denominado: “Caderno de Canções Infantis”. Esse material contém hinos, músicas e poesias utilizadas com as crianças. Ele foi divulgado, inicialmente, no 1º Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinhas, que ocorreu em julho de 2018, em Brasília, e desde então vem sendo utilizada nos espaços do MST voltado para as crianças, como por exemplo, na Ciranda realizada no acampamento da juventude que participamos. O documento foi analisado e classificado pela autora desse trabalho monográfico e utilizado como base para o estudo.

A pesquisa ocorreu simultaneamente entre o estudo bibliográfico e a análise da experiência pessoal da autora em duas Cirandas Infantis do MST, como descrevemos acima. Ambas tiveram como objetivo examinar o processo de construção da infância no MST, o perfil dessas crianças, suas experiências e vivências, o papel da música nesse conjunto e como ela se efetiva no espaço, a experiência política dos pequenos envolvendo suas relações com a musicalidade de seus cotidianos.

O trabalho encontra-se dividido em dois capítulos: o primeiro **“A construção e a particularidade da infância Sem Terrinha”**, que se inicia na historicidade da construção do conceito da infância, para então chegar-se na infância no MST, dando ênfase às experiências na Ciranda Infantil do Movimento, que conta com relatos pessoais da autora. No segundo capítulo

² Via Campesina é uma organização internacional de camponeses composta por movimentos sociais e organizações de todo o mundo. A organização visa articular os processos de mobilização social dos povos do campo em nível internacional.

Para saber mais: <https://viacampesina.org/en/who-are-we/>

denominado “**A musicalidade do MST e as crianças**”, discorremos sobre os aspectos da musicalidade no MST e sua importância, partindo para a análise e compreensão do papel da música na formação das crianças Sem Terrinha, a partir da catalogação do Caderno de Canções. Com isso, articulamos e refletimos sobre as experiências e documentos analisados.

1 A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA E A PARTICULARIDADE DA INFÂNCIA SEM TERRINHA

Neste capítulo da monografia, apresentaremos a construção do conceito de infância e como esse se transformou ao longo do tempo, através de Kuhlmann e Fernandes (2012), Ariès (1986), Cohn (2005), Mello (2007) e Dahlberg, Moss e Pence (2003); para então, caminharmos para a educação e a infância dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a partir de Caldart (2000), Dalmagro (2010), Arenhart (2007) e Silva, Felipe e Ramos (2012). Aqui, também discorreremos sobre a Ciranda Infantil do MST, caracterizando-a e explicitando sua importância para o trabalho e para as crianças, considerando a vivência da autora em duas Cirandas realizadas no Distrito Federal, em 2023.

1.1 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INFÂNCIA

Ao longo da história, a compreensão da infância e a forma como as crianças são percebidas e tratadas têm mudado de maneira significativa. Estas transformações no entendimento da infância são moldadas por diversos fatores, como a cultura, fatores sociais, econômicos, científicos, também de classe social, gênero e raça. Kuhlmann e Fernandes (2012) afirmam que uma das questões centrais que invalidam o sentimento unitário de infância refere-se às desigualdades e diferenças entre diferentes grupos de crianças, então, uniformizar o conceito seria o mesmo que esvaziá-lo, excluindo as especificidades das infâncias existentes. Mas, para se compreender e afirmar a pluralidade do conceito infância e criança, é preciso fazer um resgate dessa construção.

Na Idade Média, as crianças não tinham identidade própria; em representações gráficas artísticas, como quadros e fotografias, encontravam-se como miniaturas de adultos, não se retratavam brincadeiras, ou qualquer tipo de característica do que é a criança e o que conhecemos sobre na atualidade. O filósofo Phillippe Ariès (1986) discorre sobre essa realidade em seu livro “História Social da Criança e da Família”, explicitando o apagamento do sujeito criança e do conceito de infância nesse período. Em suas palavras “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.” (ARIÈS, 1986, p. 50).

Ariès (1986) salienta que os adultos ao longo dos séculos, tentaram representar a criança de inúmeras formas, mas distanciando-se de como ela era na realidade. Assim, do século XII ao século XVII, as crianças eram retratadas sob um olhar religioso característico do cristianismo, em forma de anjos, com vestimentas adultilizadas ou nuas. Já no fim do século XVI e durante o século XVII, é possível acompanhar a evolução da descoberta da infância, com retratos isolados dos pequenos,

ou retratos de família com a criança como centro, além do registro de expressões e brincadeiras das crianças.

Nessa monografia consideramos a criança como ser social, ou seja, um sujeito inserido em contextos culturais e históricos que influenciam diretamente seu crescimento e desenvolvimento ao longo da infância. Sendo assim, não há espaço para considerar somente uma infância existente; estamos falando de diferentes crianças e infâncias, que a partir das relações sociais se constroem.

Cohn (2005) pontua que: “O que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais, e uma antropologia da criança deve ser capaz de apreender essas diferenças.” Atualmente, a criança é pensada como um indivíduo completo, de pensamentos, direitos, vontades e que participam ativamente da construção de suas histórias. Na análise de como se constituem as infâncias é imprescindível a consideração ao contexto em que criança está inserida, uma vez que este afeta diretamente a percepção de mundo, as experiências e a vida da criança.

Segundo Mello (2007), “A infância é o tempo em que criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e socialmente criada, reproduzindo para si qualidades especificamente humanas”. Então, a criança nasce em um mundo já existente, aprende e se apropria de seu entorno, para então, construir sua singularidade e diferente de outros animais, os seres humanos não nascem humanos, mas vão se tornando humanos a partir da apropriação das relações sociais construídas por meio do trabalho pelas gerações futuras.

A criança pequena emerge como co-construtor, desde o início da vida, do conhecimento, da cultura, da sua própria identidade. Em vez de um objeto que pode ser reduzido a categorias separadas e mensuráveis (por exemplo, desenvolvimento social, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento motor, etc.), por meio do isolamento de processos, os quais são complexos e inter-relacionados, a criança pequena é entendida como um sujeito único, complexo e individual. (DAHLBERG, MOSS, PENCE, 2003, p. 71)

Dahlberg, Moss e Pence (2003) reforçam esse novo modo de enxergar a criança e a infância e pontuam algumas características que se incluem no novo paradigma da sociologia da infância, atualmente:

- a infância é uma construção social, elaborada para e pelas crianças, em um conjunto ativamente negociado de relações sociais. Embora a infância seja um fato biológico, a maneira como ela é entendida é determinada socialmente;
- a infância, como construção social, é sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando segundo a classe, o gênero e outras condições socioeconômicas. Por isso, não há uma infância natural nem universal, e nem uma criança natural, mas muitas infâncias e crianças;
- as crianças são atores sociais, participando da construção e determinando suas próprias vidas, mas também a vida daqueles que as cercam e das sociedades em que vivem, contribuindo para a aprendizagem como agentes que constroem sobre o conhecimento experimental. Em resumo, elas têm atividade e função;

- os relacionamentos sociais e as culturas das crianças são dignos de estudo por direito;
- as crianças têm uma voz própria e devem ser ouvidas de modo a serem consideradas com seriedade, envolvendo-as no diálogo e na tomada de decisões democráticos, e para se entender a infância
- as crianças contribuem para os recursos e para as produções sociais, não sendo elas simplesmente um custo e uma carga;
- os relacionamentos entre os adultos e as crianças envolvem o exercício de poder (assim como a expressão do amor). É necessário considerar a maneira como o poder do adulto é mantido e usado, assim como a elasticidade e a resistência das crianças a esse poder. (DAHLBERG, MOSS, PENCE, p. 71)

É importante trazer à luz as crianças, que apesar de, teoricamente, terem o direito à infância garantido, têm este tomado pela exploração do trabalho infantil, pelo acesso à educação negligenciado, pela falta de recursos básicos no dia a dia, como moradia, comida e higiene, ou seja, há para elas a negação da infância. Essas crianças existem e muitas vezes seguem sendo invisibilizadas. Ramos (2013) disserta sobre isso em seu trabalho, sobretudo na realidade das crianças brasileiras; aponta que desde a colonização a criança está incluída no mundo do trabalho, o que afeta diretamente o direito dessas e o peso histórico e estrutural dessa inserção, uma vez que, até os dias atuais, vemos crianças trabalhando no país.

O processo acelerado do desenvolvimento industrial, característica genuína das relações capitalistas de produção, não excluiu a criança do trabalho. Num primeiro momento, ela é incluída nas fábricas, trazendo consigo uma tradição de submissão, obediência e exploração. No desenvolvimento do capitalismo, a força de trabalho infantil também passou a ser uma mercadoria valiosa e barata. (RAMOS, 2013, p. 16)

Ao contemplarmos o campo da infância e suas particularidades, é imprescindível considerar todas as dimensões que envolvem esse segmento da vida, levando em consideração, inclusive, as questões que são mascaradas e exercem um impacto direto sobre o significado de ser criança e a singularidade das infâncias e de cada indivíduo. Considerando as questões apresentadas, seguiremos o trabalho pontuando e destacando a infância no Movimento Sem Terra e suas particularidades.

1.2 A INFÂNCIA NO MST

Em 1984, no inaugural Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em Cascavel no estado do Paraná, nasce o MST. O Movimento emerge em meio à um emaranhado de acontecimentos e lutas por terra que estavam acontecendo no Brasil. Esse Movimento foi concebido voltado à luta por terra e pela reforma agrária, de alcance nacional, consolidando-se e fundando-se em solo brasileiro, de e para os trabalhadores do campo. De acordo com o MST (2024), atualmente encontra-se organizado nas cinco regiões do país, em 24 estados, abrange cerca de 450 mil famílias que, através da luta, do coletivo e da organicidade do Movimento, conquistaram a terra. Ele se

organiza em relação a diversas questões que abrangem a vida dos Sem Terra e seus direitos básicos, lutando não só pela garantia de terra, mas a garantia de direitos sociais que muitas vezes são negados às famílias do campo.

Assim se constituiu a base social que gerou ou que permitiu o nascimento do MST; do aumento brusco da concentração da propriedade da terra e do número de trabalhadores rurais sem-terra, com destaque em determinadas regiões; do fechamento progressivo das alternativas que poderiam amenizar esta condição, gerando insegurança e miséria entre uma população acostumada a viver com um certo nível de estabilidade e, talvez por isto mesmo, também acostumada a seguir os tradicionais preceitos da *ordem e progresso*, o que a fez inclusive apoiar por muito tempo a ditadura militar. O MST é fruto das iniciativas de reação a esta situação objetiva. Uma situação nova nos traços de sua conjuntura, mas muito antiga do ponto de vista da estrutura social brasileira que desnuda, historicamente baseada na concentração fundiária. (CALDART, 2000, p. 69)

Como citado acima, o Movimento Sem Terra se organiza, também, para a garantia de direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e suas famílias que estão acampadas ou assentadas e, dentro desses direitos, se insere à educação que o Movimento fez questão de aprimorar e garantir ao longo dos anos. Caldart (2000, p. 147) afirma que: “O mesmo modelo de desenvolvimento que gera os sem-terra também os exclui de outros direitos sociais, entre eles o de ter acesso à escola. A grande maioria dos sem-terra tem um baixo nível de escolaridade e uma experiência pessoal de escola que não deseja para seus filhos: discriminação, professores despreparados, reprovação, exclusão.” Sendo assim, fez-se importante refletir e organizar uma educação que levasse em consideração essas dores e ao mesmo tempo trouxesse a significação da história do Movimento Sem Terra, trazendo a escola para dentro do Movimento de forma que os Sem Terra pudessem se identificar.

A necessidade das famílias, sobretudo das crianças, ao acesso à educação é o fator primordial para a organização da educação no MST, uma vez que, a necessidade de escolas nos acampamentos e assentamentos parte, no geral, desse público. Dalmagro (2010) pontua que a luta pela escola decorre de uma necessidade muito concreta das famílias acampadas, e não de uma premeditação político-ideológica, a autora demonstra como essa dimensão surge e caminha de acordo com as necessidades das famílias Sem Terra e sua situação social e política.

O surgimento da questão escolar junto aos acampamentos e depois assentamentos pode ser objetivamente atribuído a dois fatores: a existência de crianças em idade escolar nos acampamentos e a longa duração destes. A luta por escola que se desenvolve desde os primeiros acampamentos de sem terras, antes mesmo da fundação do MST pode, portanto, ser compreendida como decorrência “natural”, espontânea, da condição em que se desenrola a luta pela terra desde aqueles primórdios até hoje. (DALMAGRO, 2010, p. 164)

Destarte, como em outros contextos, a infância possui suas particularidades no Movimento Sem Terra. Como dissemos anteriormente, o conceito de infância é socialmente construído, o que significa dizer que o contexto social e histórico a constitui, bem como as diferentes relações e vivências pelas crianças marcam suas singularidades. Para discorrer sobre a criança do campo, leva-

se em consideração as diferentes infâncias e a pluralidade que se relaciona à classe, raça, etnia, gênero e localidade dos indivíduos, uma vez que são fatores que atuam na construção da infância.

Ramos (2013) pontua que, no MST, os pequenos estão presentes desde sua origem, nas primeiras ocupações de terra nos idos dos anos de 1980 estavam em luta ao lado de seus pais. Esse aspecto pode ser visualizado na construção da infância no Movimento, uma vez que a luta por terra delimita e faz parte da construção social dessas crianças. Para discorrer sobre a infância no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é preciso levar em consideração a organização familiar dentro do Movimento, uma vez que são famílias que lutam por terra e pela reforma agrária no Brasil, ou seja, dele participam adultos, jovens, adolescentes, idosos e também as crianças. Levando em consideração essas características e o estudo dos materiais do MST sobre a infância podemos afirmar que desde o surgimento do MST há a participação das crianças. Num primeiro momento, havia maior dificuldade de entendimento sobre o lugar da infância, porém, com o tempo, a questão e as especificidades das crianças, por meio da própria existência delas nos espaços de Reforma Agrária, como também da presença dos educadores, mães e pais, vai se construindo maiores possibilidades de reconhecimento da infância. Para Arenhart (2007), as crianças sempre estiveram presentes no Movimento como símbolo de alegria, força e esperança.

Silva, Felipe e Ramos (2012) pontuam que as crianças do campo estão incluídas e excluídas na sociedade, pois são parte de grupos socioculturais submetidos a processos distintos de acesso a bens materiais e imateriais, e implicados em lógicas de diferenciação atravessadas por relações de poder e dominação. Esses deveriam ter seus direitos assegurados, como qualquer outra criança brasileira, mas lidam diariamente com a desigualdade em diversos âmbitos, como moradia e educação.

Assim, o processo de construção da cidadania das crianças do campo é construído no embate entre a realidade plural, geralmente desigual, e os instrumentos legais conquistados e disponíveis para as crianças filhas de agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, trabalhadores sem-terra, quilombolas e caiçaras. (SILVA, FELIPE, RAMOS, 2012, p. 420)

As crianças que fazem parte do MST, acompanham seus pais na luta pela terra. E a presença delas no Movimento trouxe diversos desafios na construção de diretrizes de um trabalho educativo direcionado às crianças. Dessa forma o olhar por e para elas se inicia dentro do Movimento. Há uma movimentação para atender a demanda da infância no MST e de registrá-la adequadamente, levando em consideração as famílias, seus direitos e o papel dos pequenos na história.

Tudo começou com o movimento do Movimento, com a força deste Movimento construído por famílias, crianças, jovens, mulheres e homens. As mulheres desejavam cada vez mais participar da luta pela terra, pela reforma agrária, por um novo modelo de agricultura, pela transformação social. Queriam ser mais ativas na construção do movimento, e nesse processo se constroem como militantes, temperando os estudos, as discussões, a produção, as lutas, com a força, as cores, a ousadia, a sensibilidade, a alegria e coragem femininas ... e junto com

as militantes vieram as crianças. Surgiram, então, as primeiras experiências de atendimento organizado às crianças. (MST, 2004, p.9).

Desse modo, os espaços, encontros e documentos destinados às crianças vão tomando forma, como a Ciranda Infantil e os Encontros Sem Terrinhas. A primeira tem como objetivo, em sua essência, ser um espaço político, pedagógico e de vivência do MST para as crianças, seja em um assentamento, em um encontro ou uma plenária, por exemplo.

De acordo com Ramos (2013), a Ciranda surge nos anos 1990, decorrente da necessidade de as mães participantes do MST terem um espaço para que as crianças ficassem enquanto participavam de momentos de tomadas de decisões relacionadas ao Movimento. Tal afirmação revela que foi o direito de participação da mulher a mola impulsionadora da criação desses espaços de acolhida para as crianças. A primeira Ciranda Infantil acontece em 1997, no I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária – ENERA, com 80 crianças, com caráter de espaço de formação das crianças do Movimento Sem Terra.

A Ciranda Infantil é um espaço educativo, organizado com o objetivo de trabalhar as várias dimensões do ser criança Sem Terrinha como sujeito de direitos, com valores, imaginação, fantasia e personalidade em formação, vinculando as vivências com a criatividade, as relações de gênero, a cooperação, a criticidade, a autonomia, o trabalho educativo, a saúde e a luta pela dignidade de concretizar a conquista da terra, a reforma agrária, as mudanças sociais. (MST, 2004, p. 37).

Os Encontros dos Sem Terrinha também se configuram como lugar destinado as crianças e, hoje, é um espaço consolidado no MST. Segundo Ramos (2013) os Encontros são realizados desde 1994, mas somente em 1997 passam a ser chamados com essa nomenclatura. A significância desse evento para as crianças vem em forma de troca, brincadeiras, reivindicações próprias, que transformam esse espaço em festa coletiva destinada às crianças e feita também pelas crianças. Ademais, também pontuam e ressignificam a experiência das crianças dentro do Movimento Sem Terra e neles elas podem reivindicar suas próprias pautas de forma coletiva.

O espaço de coletividade das crianças do campo se constitui na participação no trabalho, nas atividades políticas, culturais e religiosas, na criação de espaços lúdicos, na luta pelos direitos que têm significação para a comunidade e para as crianças, intervindo do jeito delas e com suas presenças nas atividades que compartilham com os adultos. Do coletivo em que as crianças estão inseridas e das relações que esse coletivo estabelece socialmente, resultam aprendizagens que fortalecem a consciência do direito à vida, ao trabalho, à escola, à participação política e do direito de viver plena e dignamente o tempo da infância. (SILVA, FELIPE E RAMOS, 2012, p. 422)

Citamos também nesse momento a Revista Sem Terrinha, como mais um instrumento voltado à infância Sem Terrinha. Sua primeira edição foi publicada em 2009 e atualmente encontra-se na edição de 2023, lançada em outubro, com o tema os 40 anos do MST. É um material feito para as crianças, e diz respeito a diversos âmbitos que fazem parte do cotidiano destas, como a natureza, a

luta por terra, a escola e assim por diante. E também a própria Pedagogia do MST – a concepção educacional que envolve todas as atividades do MST - que as crianças têm acesso. Além de concursos feitos para os pequenos como o de redações e desenhos, plenárias e encontros gerais que atualmente as crianças também podem participar.

O esforço do Movimento é para que as crianças tenham participação ativa na luta; portanto, mais do que ser filho e filha de acampados e assentados, a participação possibilita também a construção de uma identidade coletiva, quando passam a se perceber como Sem Terrinha. Essa identidade também foi sendo construída no decorrer do desenvolvimento do próprio Movimento. (ARENHART, 2007, p. 55)

Ramos (2013, p. 25) ao pesquisar as produções sobre infância no MST organiza e categoriza essas produções em quatro grupos: a) Produções sobre a infância; b) Produções para as crianças; c) Produções para e com as crianças e d) Documentos de circulação Interna que tratam da Infância.

Aquí ela trata e resgata documentos importantes para a infância do MST em diferentes formatos, como: Cadernos, Boletins, Coleções, Relatórios, Revistas e Cartilhas do Movimento Sem Terra e discorre sobre quais são os que tratam das crianças e infância no Movimento; quais têm como objetivo o estabelecimento de diálogo com as crianças; quais materiais foram produzidos com a participação ativa das crianças; e quais foram criados para o Movimento analisar e avaliar as práticas com as crianças. O trabalho conta com produções como a Coleção Fazendo História e Escola, a Revista Sem Terrinha e o CD Infantil Plantando Ciranda.

No primeiro grupo **“Produções sobre a infância”** estão textos escritos e CDs que tratam da criança e ou da infância, feitos pelos educadores ou o coletivo nacional de educação do MST. Um exemplo é o Caderno de Educação nº 07, intitulado “Jogos e Brincadeiras Infantis”, datado de 1996. No segundo grupo denominado **“Produções para as crianças”** estão os materiais destinados diretamente para as crianças. A exemplo, o Livro de Canções, Plantando Cirandas no MST, de 1994. No terceiro grupo: **“Produções para e com as crianças”** a autora destaca os diferentes materiais produzidos em atividades que contaram com a participação ativa de crianças do Movimento. Um exemplo é o CD Infantil Plantando Cirandas. Destacamos a coleção Plantando Cirandas que conta com três álbuns musicais e três livros de canções e cifras do MST. O primeiro caderno de letras e cifras de música, lançado em 1994, contou com 28 músicas de diferentes autores, abrangendo diversas temáticas relacionadas ao MST e a infância no campo: “Plantando Cirandas significa plantarmos a nós mesmos quando, de braços dados, rodamos sobre a terra e por ela nos sentimos possuídos e nos deixamos impregnar pela energia e beleza dessa relação sublime.” (MST, 1994, s/p). A segunda edição do Plantando Cirandas vem em formato de CD data de 2001, com 22 músicas e uma emocionante apresentação de Zé Pinto.

Esse disco é fruto de um grande mutirão. Vários artistas militantes, e simpatizantes da

Reforma Agrária participaram dessa linda empreitada. É o primeiro CD do Movimento Sem Terra com canções infantis. É mais um sonho que vai se realizando e em boa hora, visto que será um material importante para as escolas dos acampamentos e assentamentos de todo o país. Assim, unindo arte e pedagogia formaremos com todos os Sem Terrinha e outras crianças e adolescentes do Brasil, uma grande ciranda educativa, poética e libertária. (PINTO, ZÉ. Et al: MST, 2001, s/p)

E o terceiro disco, tem como diferencial a participação das crianças mais evidente na capa, nas canções e na apresentação. Além do álbum, também foi lançado o livro de letras e cifras que conta com 23 canções.

Uma boa brincadeira não se faz sozinho. A música também não. Brincamos de fazer um CD com bastante gente, de muitos cantos do Brasil, misturando ritmos, sotaques, gingados, causos e muita poesia. Sem Terrinha, educadores, educadoras, tocadores, tocadoras e cantantes se reuniram em roda e, brincando, falaram sobre a música, compuseram versos, contaram a que vieram e de onde vieram, colocando em cantigas nossos sonhos e realidades. Foi assim que surgiu este verdadeiro mutirão de cantoria... A criançada animada ora compunha as letras, ora cantava as canções, ora fazia desenhos para colorir a ciranda. Enquanto outros tocavam, experimentavam instrumentos, ritmos e juntavam notas musicais que deram forma às melodias e rimas que aqui apresentamos. Tudo feito coletivamente, já que somente conquistaremos aquilo que cantamos se não fizermos sozinhos. Vem você também se juntar nessa ciranda (MST, 2014, s/p)

No último grupo **“Documentos de circulação Interna que tratam da infância”**, categorizado por Ramos (2013) estão os relatórios que promovem a avaliação e reflexão do próprio Movimento acerca das práticas com as crianças. A exemplo, o Relatório da Ciranda Infantil e Escola Itinerante – Pé na Estrada Marcha Nacional, Brasília, 1998.

E assim a infância no Movimento Sem Terra se constitui e traz consigo a experiência do campo, a experiência política, do seu entorno, os recortes sociais, de classe, raça e gênero, levando sempre a nos lembrarmos que infância não é só uma, criança também não. Cabe a nós, sociedade, continuar garantindo seus direitos e os assegurando da melhor forma, e é para isso, também, que o MST se organiza, garantindo o acesso à educação dos Sem Terrinha e mantendo as tradições do Movimento lado a lado com o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento dos pequenos.

1.2.1 EXPERIÊNCIAS NA CIRANDA INFANTIL DO MST

A Ciranda Infantil tem parte importante para a realização dessa pesquisa bem como parte importante na vida das crianças do MST. A etapa presencial e ativa desse trabalho foi realizada a partir da vivência em duas Cirandas Infantis, a primeira como parte do estágio IV em espaços não-escolares, realizada entre os dias 13, 14 e 15 de janeiro de 2023, no Centro de Educação Popular Gabriela Monteiro, localizado em Brazlândia – DF. E a segunda foi realizada no Acampamento Nacional da Juventude da Via Campesina: em luta por terra e soberania popular! No período de 13 a 17 de outubro de 2023, no estádio Nilson Nelson, em Brasília. A partir dessas vivências foi possível reconhecer de perto a criança Sem Terrinha nesse espaço e observar a presença da música inserida diretamente na experiência das crianças com a Ciranda.

De acordo com o MST (2004), entende-se por Ciranda Infantil o espaço, dentro do Movimento Sem Terra, voltado para as crianças de 6 meses a 12 anos, que promove diversas atividades com as crianças, as quais envolvem as dimensões: pedagógica, política, lúdica, cultural, entre outras. A Ciranda pode ser permanente ou itinerante, a primeira diz respeito as que acontecem de maneira constante em assentamentos, acampamentos, centros de formação e escolas do Movimento, entre outros espaços de formação. A itinerante, refere-se às que acontecem em eventos e encontros do MST, de caráter pontual.

Para a organicidade e funcionamento da Ciranda Infantil, conta-se com educadores infantis do MST e voluntários. A organização dos espaços das Cirandas leva em consideração as especificidades das crianças e procura otimizar o seu funcionamento, buscando, dentro do possível, que contenham banheiro perto, um local para as crianças ficarem e que supra as necessidades básicas de cuidado das mesmas. Além de materiais para pintura, desenho e brinquedos.

O Caderno de Educação Infantil do MST (2004) destaca alguns dos principais objetivos da Ciranda, que são: criar um espaço educativo para os filhos e filhas das famílias que participam do MST; implementar a pedagogia do MST em Educação Infantil; implementar na Ciranda Infantil a organicidade do MST; organizar atividades nas quais as crianças sejam sujeitos do processo; desenvolver a cooperação, de forma educativa que construa a vivência de novos valores; trabalhar a criação de vínculos e relações com os demais setores do movimento: gênero, saúde, formação, produção, frente de massa; garantir a formação política pedagógica permanente das educadoras e dos educadores infantis; realizar atividades em conjunto com as comunidades assentadas e acampadas, tais como produção de materiais, palestras, seminários, oficinas, etc., como prática formativa do coletivo. A Ciranda tem o caráter de cuidado enquanto a família está envolvida em alguma atividade do Movimento, mas ao mesmo tempo há o espaço para a criança se expressar e brincar e um planejamento desenvolvido para a Ciranda que envolve atividades pedagógicas, políticas e lúdicas.

A Ciranda se constitui, portanto, como um território da infância no MST, um espaço que ela pode ocupar e criar suas referências. É a partir desse espaço coletivo que outras vertentes da vida da criança se interpenetram, juntando a experiência de participar da luta do Movimento, a relação com a escola, o cotidiano na família e o dia a dia que vive como acampada, assentada. A participação das crianças e adolescentes nesse espaço ganha significação para os acampamentos e assentamentos, como também para as atividades gerais do MST. (RAMOS, 2013, p. 40).

Nas Cirandas pude experimentar de perto a dinamicidade desse espaço. Antes de começar os eventos a que se destinam as Cirandas, é realizada a formação dos educadores. A formação inclui um planejamento coletivo envolvendo aspectos como a organização do espaço, das atividades a serem desenvolvidas e do material necessário (por exemplo os de artes e de higiene das crianças). São observadas questões como a funcionalidade do espaço e o alinhamento pedagógico das atividades,

aonde todos os pontos foram discutidos antecipadamente, facilitando o processo.

As crianças têm o contato e conhecem os educadores, em sua maioria, no dia que chegam na Ciranda e logo vão se afeiçoando; com a ajuda da música, das brincadeiras, dos brinquedos e materiais, os educadores vão acessando as crianças, nos apresentando e criando um ambiente confortável para todos. Ao longo dos dias fomos seguindo o planejamento, e improvisávamos à medida que surgisse alguma necessidade específica das crianças.

Na Ciranda realizada no Centro de formação Gabriela Monteiro, ao lado de cinco estudantes e a professora regente da disciplina de Estágio IV: Espaços Educativos Não-Escolares do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, trabalhamos desde o planejamento até a imersão no ambiente. Não eram muitas crianças e não era uma Ciranda muito grande, pois, ela acontecia em um contexto estadual e em período pós-pandêmico. Ao total, 10 crianças de idades variadas, entre 4 e 12 anos participaram da Ciranda ao longo dos três dias de trabalho. Nessa Ciranda pudemos realizar com as crianças diversas brincadeiras, desenhos, momentos de dança e cantigas, contação de histórias e trabalhamos, também, com os símbolos e a história do MST. Nesses momentos, as crianças entoavam as palavras de ordem, como a transcrita a seguir, e nos ensinavam também sobre elas e a vida nos acampamentos e assentamentos em que moravam.

“Quem são vocês?
Sem Terrinha outra vez
E o que é que faz?
A vitória e nada mais
Essa onda pega?
Essa onda já pegou
Para anunciar que
O Sem Terrinha já chegou!”

Vale ressaltar, também, o trabalho relacionado à terra e à agroecologia que fizemos com as crianças, nessa ocasião. Aprendemos muito, foram momentos muito bonitos de plantio, aprendizado, contação de histórias, que também fizeram parte do nosso projeto de intervenção do estágio, quando as crianças participaram ativamente do Ato Político que aconteceu no encontro e plantaram, juntamente aos educadores da Ciranda e todas as pessoas presentes.

Figura 1: Ciranda Infantil MST I



Fonte: Site do MST (2023)

Figura 2: Ciranda Infantil MST II



Fonte: Site do MST (2023)

Na Ciranda Infantil realizada no acampamento da juventude entre os dias 13 a 17 de outubro, as crianças eram filhas dos jovens que vieram de diferentes estados do Brasil e estavam envolvidos com diversos movimentos ligados à Via Campesina, esses jovens eram, de forma majoritária, pertencentes ao MST. Participaram dessa Ciranda aproximadamente 30 crianças entre 6 meses a 12 anos de idade. Para que a Ciranda funcionasse, o MST contou com o apoio e trabalho dos educadores do Movimento, de estudantes da UnB que cumpriam horas de estágio em espaços não – escolares e de outros companheiros também do Movimento que se voluntariaram para compor a equipe da Ciranda Infantil.

Nessa Ciranda, o espaço era maior considerando a anterior, incluindo uma sala específica para os bebês e crianças menores, quando tinham alguma necessidade específica; junto com a organização do MST, enfeitamos tudo para as crianças. Elas brincaram com os materiais disponíveis, de desenho, bolas, brinquedos, tintas e afins. Essa Ciranda contava com uma caixa de som grande, então a música

estava presente o tempo todo no ambiente. Intercalando com o planejamento dos educadores presentes, tivemos a presença de diversos amigos do MST que realizaram oficinas, como a de argila e de instrumentos de percussão e batucada. Nessa Ciranda, por envolver diversos movimentos ligados à Via Campesina, nos chamou a atenção a presença das crianças indígenas, e uma maior diversidade de crianças.

Figura 3: Ciranda Infantil da Via Campesina I



Fonte: Acervo da autora (2023)

Figura 4: Ciranda Infantil da Via Campesina II



Fonte: Acervo da autora (2023)

Nas duas Cirandas em que participei, as famílias ficaram satisfeitas, bem como as crianças. Essa parte do trabalho é gratificante e a sensação de dever cumprido é única. Proporcionar e fazer parte desse espaço, juntamente com as crianças é muito rico e uma experiência única a cada Ciranda. Na primeira em que participei, no Encontro Estadual, pude aprender e compartilhar conhecimentos que não tinha sobre agroecologia com as crianças, o que foi marcante para mim. E é dessa forma que a Ciranda Infantil se constrói como um ambiente que faz a diferença, tanto para as crianças quanto para quem partilha esse espaço com elas, nós educadores. E é possível enxergar e perceber a singularidade das crianças com seus pares e com os educadores; aprender a conviver coletivamente e o conceito de solidariedade. São crianças que, muitas vezes, não se conhecem, mas em poucos dias

criam vínculos e aprendem juntos a dividir e a compartilhar.

2 A MUSICALIDADE DO MST E AS CRIANÇAS

No segundo capítulo da monografia, iremos analisar a música dentro do Movimento Sem Terra e no processo de construção da identidade das crianças Sem Terrinha. Aqui utilizaremos os documentos do próprio Movimento, bem como as teses de Ramos (2013) e Santos (2016). Para analisarmos o papel da música na construção da identidade Sem Terrinha. O Caderno de Canções Infantis do MST foi classificado e utilizado como base da pesquisa em torno do significado da música nesse contexto.

2.1 A MÚSICA E O MST

Dos hinos às cantigas, das poesias às prosas, a música se constitui como um dos símbolos de resistência e entoa a luta dos trabalhadores rurais diariamente, seja nas místicas – que é um ritual reflexivo dos companheiros, onde interpretam, celebram e relembram a importância do Movimento e da união. -, seja nas plenárias e encontros ou até mesmo no dia a dia, no trabalho do campo.

Na realidade do Movimento Sem Terra, a música desenha tudo aquilo que já foi vivido e conquistado através da luta; desenha as opressões sofridas, a esperança da conquista, a união e perseverança que traçam essa dinâmica; reforça a coletividade do Movimento e como o coletivo ajuda na conquista de tudo que se almeja.

É na atividade coletiva que os homens se forjam como sujeitos construtores de sua própria história, é na vivência e na troca de experiências com os outros, que mudam seu modo de pensar e ver os outros e a si mesmos, essa convivência é que determina sua tomada de consciência de sua condição (SANTOS, 2016, p. 25)

As músicas ouvidas nesse contexto trazem os aspectos do campo, do trabalho rural, da luta, da reforma agrária e da vivência de todos ali inseridos. Santos (2016) discorre sobre as principais características que marcam o MST em sua formação, que são: caráter popular, caráter sindical e caráter político. Um movimento aberto, que faz reivindicações econômicas, relativas ao trabalho, moradia e infraestrutura e à luta de classe. E podemos ver esses aspectos em diferentes músicas do Movimento, incluindo o Hino do MST que foi escrito por Ademar Bogo e a música feita por Willy C. de Oliveira.

Hino do MST
(Ademar Bogo e Willy C. de Oliveira)

Vem façamos a nossa liberdade braços fortes que rasgam o chão sob a
sombra de nossa valentia desfraldemos a nossa rebeldia e plantemos
nesta terra como irmãos!

Vem, lutemos, punho erguido Nossa força nos leva a edificar Nossa
pátria livre e forte construída pelo poder popular

Braço erguido, ditemos nossa história sufocando com força os

opressores hasteemos a bandeira colorida despertemos esta pátria adormecida o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Vem, lutemos, punho erguido Nossa força nos leva a edificar Nossa pátria livre e forte construída pelo poder popular

Nossa força resgatada pela chama da esperança no triunfo que virá forjaremos desta luta com certeza pátria livre operária e camponesa nossa estrela enfim triunfará!

Vem, lutemos, punho erguido Nossa força nos leva a edificar Nossa pátria livre e forte construída pelo poder popular

O Hino do Movimento Sem Terra exprime a realidade dos trabalhadores, sua força coletiva e a importância do poder popular na conquista da Reforma Agrária e na luta por terras. Entoado sempre em reuniões e encontros, sintetiza o que é importante e fundamental para o Movimento Sem Terra. Os companheiros, em respeito, ficam de pé e erguem seus punhos a cada refrão. E através da música compartilham o mesmo sentimento, a esperança, o respeito pelos ideais do Movimento e reforçam a coletividade presente na convivência.

Santos (2016, p. 12), afirma que “a música é uma das ferramentas que anima todo esse processo de luta e resistência”. É através dos sons, das palavras de ordens e cantigas que os militantes podem expressar a trajetória de luta, de esperança e trabalho enfrentada por eles. Um momento importante onde a música se faz presente é na mística.

A mística, afirma Santos (2016), se configura como um ato reflexivo, celebrativo e/ou, em algumas ocasiões, comemorativo, um momento em que se reforça o sentimento de luta e a vontade de continuar unidos no mesmo ideal. O intuito é o de trazer esperança para os trabalhadores, através da encenação de alguma pauta do Movimento, ou alguma conquista almejada, ou algo que já foi conquistado. A música está presente nesse momento. Geralmente, a mística abre os encontros diários, as assembleias e as plenárias do MST, todos os militantes podem participar e dentro de uma temática, há a elaboração de uma apresentação a ser feita para os presentes.

Santos (2016) cita em sua pesquisa a música “A Internacional” do poeta L. Eugene Pottier que, segundo o autor, está presente nas místicas e funciona como um ponto alto por sua letra, ritmo e força, ao projetar o sonho da classe trabalhadora em luta contra a classe dominante.

Para além, o que expressa a importância da música no MST é sua grande capacidade de expressão. É através dela que em qualquer contexto e situação há a liberdade e a abertura de manifestar aquilo que está sendo vivido, reproduzido e sentido. O poder de externalização da música é significativo para o MST, uma vez que os sons e canções se tornam instrumentos de luta para o Movimento e para os trabalhadores. Santos (2016) sintetiza essa relação: “As músicas reproduzem os valores vividos por esses homens e mulheres do campo. Elas expressam uma síntese de suas vivências,

sua luta no dia a dia, possibilita a formação de uma consciência de classe, que projeta esse homem novo a lutar pela transformação da sociedade (...) (SANTOS, 2016, p.69)

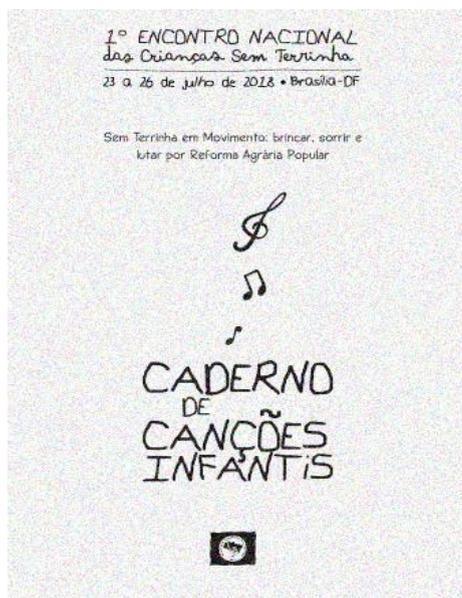
E nesse fato também podemos incluir as crianças do campo, que têm a liberdade de se expressar e expressar suas vivências através da música. Seja quando entoam as palavras de ordem, como: **“Brilha no Céu, a estrela do Che, somos Sem Terrinha do MST!”**. Ou quando cantam músicas que trazem a natureza e a educação do campo em suas letras - temas que fazem parte da sua realidade. A música não reforça somente a luta dos trabalhadores do campo, mas das crianças que estão inseridas nesse contexto e que acompanham suas famílias desde a fundação do Movimento Sem Terra no Brasil.

As crianças Sem Terrinha também contam com alguns documentos relacionados à música; elas têm acesso e participam dos álbuns que contém músicas utilizadas nas Cirandas, nos Encontros, na escola, no dia a dia dos acampamentos, assentamentos e ocupações. E destacando o caderno analisado no presente trabalho, o Caderno de Canções Infantis do MST (2018), que também foi feito com e para as crianças e pode ser utilizado de inúmeras formas, tanto por educadores, pelo Movimento, quanto pelas próprias crianças.

2.2 A MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEM TERRINHA

A fim de estudar, entender e analisar a participação da música no desenvolvimento da infância no Movimento Sem Terra, além da minha própria experiência na Ciranda Infantil com as crianças e dos documentos analisados, foi selecionado para uma análise mais detalhada nessa monografia um material denominado: “Caderno de Canções Infantis (2018)”, do Movimento Sem Terra.

Figura 4: Capa do Miolo do Caderno de Canções Infantis (2018)



Fonte: MST (2018)

Como dissemos, anteriormente esse Caderno foi construído para o I Encontro das Crianças Sem Terrinha, que aconteceu em 2018, em Brasília, reunindo aproximadamente mil crianças, de 7 a 12 anos, de todo o Brasil. O Caderno foi organizado pelo Setor de Educação do MST, as ilustrações da capa foram feitas por Evelaine Martines Brennand e o Projeto Gráfico é de autoria de Gustavo Palermo. O documento possui aproximadamente 80 páginas, que contam com ilustrações, canções e textos, está disponível no site do MST - <https://mst.org.br/biblioteca-da-questao-agraria/> -.

Após a classificação, foi possível identificar e entender como a musicalidade das crianças Sem Terrinha é construída, uma vez que o material condensa diversas músicas e poesias autorais dos pequenos, como também do MST e outros autores mais amplamente conhecidos. O referido material suscita a importância de vários temas presentes na singularidade das crianças no MST, como o brincar, a educação e seus direitos. Ou em outras palavras: “(...) a brincadeira, a dança, a alegria, também fazem parte da nossa luta, que na nossa organização cabe todo mundo, e que quando a gente faz folia também está resistindo, criando e aprendendo”. (MST, 2018, s/p).

O Caderno inicia-se com uma apresentação, que traz algumas questões que demonstram a concepção de infância e a luta por seus direitos aos olhos do Movimento Sem Terra. É enfatizado que a criança Sem Terrinha é livre para brincar, para lutar e exercer seu papel, fortalecendo a luta em nome da Reforma Agrária, contribuindo de forma única para o Movimento.

Esse caderno vem cheio de poesia das crianças do Movimento Sem Terra. Nele tem muita música, brincadeira, e também tem muita força pra lutar e muita coisa pra aprender. Com ele na mão, vamos falar do nosso direito de brincar, sonhar e ser feliz; sobre soletrar a liberdade na escola; do caminhão feito de caixa de fósforo, das panelinhas feitas de barro. Com ele, vamos pintar e bordar pra esse mundo ficar bonito, vamos empurrando o trem da história para o futuro, vamos escrever palavras bonitas com as letras do ABC. (MST, 2018, s/p)

A apresentação finda com uma palavra de ordem conhecida entre os Sem Terrinha: “**Sem Terrinha em ação, para fazer revolução!**”. As palavras de ordem se caracterizam por palavra, expressão ou frase curta utilizada em protestos ou manifestações, escrita em cartazes e discursos, com o objetivo de marcar uma posição, reivindicar alguma mudança ou incitar os ânimos do grupo. E elas estão presentes na história e cultura do MST, como símbolo de resistência, luta e unicidade entre os militantes, que se expressam por interesses específicos e utilizam as palavras de ordem para demonstrá-los e potencializá-los, assim como as crianças Sem Terrinha, que através das palavras de ordem podem mostrar quem são e o que querem. Durante as vivências nas Cirandas, pude ouvir e entoar essas palavras, assim como outras, diversas vezes com as crianças, quando estávamos envolvidos em alguma brincadeira, ou em alguma mística e atividades que eram voltadas para o lado político da Ciranda e do conviver das crianças, incentivávamos eles a soltarem a voz através das palavras de ordem.

O Caderno divide-se em 9 blocos, sendo esses: Apresentação; Poesia “Corre menina, corre

menino”; Hinos; Plantando Cirandas 1; Plantando Cirandas 2; Plantando Cirandas 3; Cantadores do MST; Canções de amigos, amigas e domínio público e Brincadeiras de cantar e dançar. Todos os blocos foram considerados na classificação a fim de uma análise mais assertiva do material. Conta com diversos autores, dentre eles, Zé Pinto, Djacira, Marquinhos Monteiro, Rubinho do Vale e outros.

No começo dos seguintes blocos: “Cantando Cirandas 1, 2 e 3”- que levam os nomes dos três álbuns com músicas voltadas e/ou construídas pelas crianças do MST, como apontamos anteriormente -, há um texto ou poesia autoral de uma criança Sem Terrinha. Destacamos que acrescentar ao documento obras feitas pelas crianças enriquece seu conteúdo, uma vez que, reforçam a condição das crianças como sujeitos autônomos, de voz e direitos dentro do Movimento, participando ativamente dessa construção, uma vez que consiste num material essencialmente elaborado para elas ou para auxílio em atividades que serão executadas junto delas.

Para a classificação e análise do material para essa monografia foram utilizadas seis temáticas para classificá-las em cinco grupos: a) Temas Diversos; b) Infância no Campo; c) MST e a Política; d) Feito pelas crianças (autorais); e) Infância/Criança no MST. Vale ressaltar que esses grupos e temáticas foram feitos a partir de critérios para a facilitação do estudo da pesquisa, porém ressaltamos que diversas músicas e outras produções se interligam e dialogam com várias temáticas, e poderiam ser incluídas em mais de um grupo, porém optamos por escolher a temática com mais força em cada música/poesia.

Em **Temas Diversos** foram alocadas 38 músicas/poesias de diferentes temas que falam de animais, comidas, histórias lúdicas, a vida e o mundo, sentimentos e cantigas de domínio público que seguem essa linha de critério.

Quadro 1: Músicas/poesias em *Temas Diversos*

TÍTULOS	AUTORES
O rato – Cadê o rato (p.21)	Zé Pinto
Quem roubou o queijo (p.31)	Zé Pinto e Zeca Tocantins
Linda menina (p.34)	Zé Vicente
As estrelas do céu (p.36)	Rubinho do Vale
Arraiá dos danadinhos (p.36)	Rubinho do Vale
O menino e o mar (p.42)	João Bá
Bem lá dentro (p.43)	Carlos Rodrigues Brandão
Quem diria (p.46)	Marquinhos Monteiro
As vezes me chamam de negro (p.50)	Carolina Soares
Amanhecer (p.50)	Rubinho do Vale
Meninos (p.51)	Juraildes da Cruz
Canção das brincadeiras (p.52)	Rubinho do Vale

Canções das brincadeiras II (p.52)	Rubinho do Vale
Trem da História (p.53)	Rubinho do Vale
Bem-te-vi/passarinho de amor (p.55)	Dércio Marques
Favo de mel (p.55)	Rubinho do Vale
A.E.I.O.U (p.55)	Rubinho do Vale
Embolada-rap-trava-língua (p.56)	Rubinho do vale
Alecrim (p.57)	Domínio Público
Sambalelê (p.58)	Domínio Público
Peixinhos (p.58)	Domínio Público
Tá caindo fulô (p.59)	Domínio Público
Ciranda (p.59)	Domínio Público
A canoa virou (p.59)	João de Barro – Braguinha
A festa dos insetos (p.60)	Domínio Público
Fui no Itororó (p.60)	Domínio Público
Bicharia (p.61)	Os Saltimbancos
Caminho da rola (p.66)	-
Desafio de trava línguas (p.66)	Rubinho do Vale
A árvore da montanha (p.67)	Canções Escoteiras
Abre a roda (p.68)	-
Dona Mariana (p.68)	Domínio Público
Roda pião (p.69)	Domínio Público
Periquito Maracanã (p.69)	Domínio Público
Farinhada (p.70)	Domínio Público
De abóbora faz melão (p.70)	Domínio Público
Eu vou andar de trem (p.71)	Domínio Público
Herdeiros do futuro (p.72)	Toquinho

Bem lá dentro
(Carlos Rodrigues Brandão)

Num lugar
 Bem profundo
 A semente:
 Um mundo
 A semente
 Escondida
 Esconde um ser
 Pequeninino:
 A vida.
 Você já pensou
 (e pensou porquê)
 Que uma semente
 Algum dia
 Já foi ...você?

Carlos Rodrigues Brandão (1940-2023) foi professor universitário e educador popular desde os anos 1960, pesquisador e escritor de contos e poesia para crianças e jovens, foi especialista em Paulo Freire e contribuiu, durante sua trajetória, com a Educação Popular no Brasil. Sua poesia foi escolhida nesse grupo de temas diversos para ilustrar a importância de Paulo Freire e da Pedagogia da Autonomia para o Movimento Sem Terra e as crianças Sem Terrinha. O poema foi utilizado por Carlos Rodrigues em seu livro: **História do menino que lia o mundo (2014)**, que explicita um pouco da história de Freire pelas palavras de Brandão.

No segundo grupo: **A infância no Campo** levamos em consideração tudo aquilo que as crianças têm contato diariamente. Há uma semelhança entre o primeiro grupo, porém, a experiência diária da criança Sem Terrinha na sua vivência no campo é tomada como partida para a separação dessas 10 músicas/poesias aqui alocadas.

Quadro 2: Músicas/poesias em *Infância no Campo*

TÍTULOS	AUTORES
Uma casinha (p.16)	Brigada Axé
Meu pezinho de limão (p.16)	Zé Pinto
Eu vi, eu vi (p.19)	Zé Pinto
O trabalho gera vida (p.20)	Zé Pinto
Não jogue lixo no chão (p.33)	Vital Farias
Carinho com a mãe terra (p.44)	Marquinhos Monteiro
História de uma gata (p.62)	Os Saltimbancos
O jumento (p.63)	Os Saltimbancos
Peixe vivo (p.64)	Domínio Público
O trem maluco (p.64)	Patinho Tuga

O trabalho gera vida
(Zé Pinto)

Cinco horas da manhã
canta o galo garnizé
o meu pai levanta cedo
minha mãe já está de pé

E a patinha no terreiro
faz qua qua, qua qua, qua qua
e a galinha cacareja pra dizer que vai botar
e eu também vou levantar
escovar os dentes, o rosto lavar
pegar a sacola, eu vou estudar pra depois aos outros poder
ensinar. (2x)

No caminho da escola
aprendi admirar
o cantar dos passarinhos,

majestoso sabiá minha escola construída
com a força do mutirão
o trabalho gera vida
no valor da união

Com os meninos e as meninas
não tem discriminação
pra na hora da merenda
aprender partir o pão
plantar horta
na escola
pra chamar a atenção
como marca da vitória
que tivemos neste chão.
(MST, 2018, p. 20)

O cantor e compositor Zé Pinto é militante do MST, produtor agroecológico e faz parte do setor de cultura do Movimento. Ele é um dos principais compositores das músicas do Movimento e possui diversas músicas autorais que registram a história e a luta do MST; não obstante, contribui na criação e divulgação de músicas para as crianças. A canção: “O trabalho gera vida” foi escolhida para representar este grupo, por trazer aspectos característicos da vida no campo – por exemplo: “Canta o galo garnizé”; “No caminho da escola, aprendi admirar o cantar dos passarinhos” -. Ao mesmo tempo, traz a defesa de alguns direitos das crianças; direito à escola, à alimentação, ao respeito e enfatiza a coletividade e a solidariedade exercitadas dentro do Movimento.

No terceiro grupo organizado, **Crianças/Autorais**, estão os textos, poesias e músicas de autoria das crianças do Movimento Sem Terra. Foram 7 obras encontradas no caderno.

Quadro 3: Músicas/poesias em Crianças/Autorais

TÍTULOS	AUTORES
Escola (p.15)	Poesia de Pedro
O Brasil que queremos edificar (p.27)	Cleonir Jorge de Souza
As sementes são patrimônio da humanidade (p.39)	Arilma
Palestina Livre (p.40)	Crianças Sem Terra do PA
Cantando com sem terrinha (p.40)	Crianças Sem Terra do RJ
Sem Terrinha de coração (p.49)	Victor Gustavo A. Da Costa
Poesia de Vitória (p.65)	Vitória

O Brasil que queremos edificar

(Cleonir Jorge de Souza)

Sou fruto da Reforma Agrária e quero um Brasil com pessoas livres, onde eu possa expressar meus sentimentos, minhas revoltas, meus sonhos... um país onde eu possa continuar vivendo no campo. E nele tirar meu sustento, aproveitando as riquezas que a natureza oferece, e preservando o verde da esperança. Um Brasil com educação, onde nós crianças além de aprender a ler e escrever, plantar, preservar, brincar, praticar esportes, participar das decisões da educação. Há tanta coisa que não entendo, tanta coisa que me assusto! Às vezes quero

parecer grande, mas não dá. Por que tem tanta gente sem condições de viver, vítima da violência, da exploração de alguns? Sonho com um Brasil Verde – dos produtos por nós plantados; Amarelo – das riquezas construídas por nós trabalhadores; Azul – sem poluição; branco – da liberdade conquistada por nós trabalhadores do campo e da cidade. (MST, 2018, p. 27)

O texto acima tem como autor Cleonir Jorge, que na época tinha 9 anos e estudava no quarto ano da Escola Cooperativa Construindo Caminho, que fica no Assentamento Conquista da Fronteira, em Santa Catarina, onde ele morava. Ele foi selecionado, anteriormente, para o “Concurso de Redação e Desenho”, realizado pelo MST, em 1998. E em 2018, seu texto fez parte da construção do Caderno de Canções Infantis na abertura do bloco “Plantando Ciranda 2”, compondo o pensamento e dando voz à tantas outras crianças que pensam e vivem em semelhança, mesmo após anos (MST, 2018). O texto registra as lutas dos Sem Terra por liberdade, terra, educação e fala da importância das crianças no Brasil terem o direito à infância, ou seja, poder estudar, brincar, direito à alimentação e outros, visto que, na realidade do país, a exploração do trabalho infantil é um problema persistente.

O quarto grupo organizado foi denominado: **MST e Política**; nessa parte foram alocadas 10 canções com essa temática e que fazem parte da vida das crianças do Movimento e dão ênfase a luta política. Evidenciamos com a pesquisa a importância dessa dimensão na vivência e na construção da identidade política das crianças Sem Terrinha. Nessa análise, juntamente com a de outros documentos a respeito, e pela nossa experiência nas Cirandas Infantis, é notável a presença da política, como não poderia deixar de ser, pois a existência do MST e das crianças Sem Terrinha é política. É possível perceber que o MST reforça e contribui para o acesso das crianças a essas canções, a suas histórias e as ajudam a continuarem construindo e participando cada vez mais do Movimento. Dessa forma, plantando a sementinha da luta, reconhecendo as crianças como parte importante no Movimento, são e serão futuramente, como jovens e adultos, participantes ativos na construção do coletivo e no poder popular, através do MST.

Quadro 4: Músicas/poesias em *MST e Política*

TÍTULOS	AUTORES
Ocupação (p.18)	Brigada Axé
ABC da liberdade (p.22)	Brigada Axé
Eu vou, eu vou, eu vou (p.22)	Brigada Axé
Meu passarinho (p. 23)	Brigada Axé
Sonho de Criança (p. 23)	Brigada Axé
As vogais (p.25)	Zé Pinto
Ciranda Infantil (p.30)	Zé Pinto
Sem Terrinha em movimento (p.44)	Marquinhos Monteiro
Movimento de Educar (p.47)	Zé Pinto

Ciranda (p.59)	Domínio Público
----------------	-----------------

Cantando com Sem Terrinha
(Crianças Sem Terra do RJ)

Sou sem terrinha do MST
Acordo todo dia pra lutar, você vai ver
Por terra, por escola, saúde, educação
Desse meu direito eu não abro mão
Sou sem terrinha do MST
Acordo todo dia pra lutar, você vai ver
Ser criança é ser feliz
Pra ser feliz tem que brincar
Pra brincar tem que sorrir
Pra sorrir tem que lutar.
(MST, 2018, p. 40)

A música “Cantando com Sem Terrinha”, foi escolhida para representar o quarto grupo, pois registra a voz política das crianças. Aqui, com um trabalho de autoria delas, puderam enfatizar sua luta e pelo que reivindicam, além de retomar os direitos da criança. Se faz presente, mais uma vez, a importância da participação ativa dos pequenos nos documentos que dizem respeito a eles. A música faz parte do álbum “Plantando Cirandas 3”.

Já no quinto grupo, a especificidade em destaque é a **Infância no MST**. Foi possível agrupar as canções que tinham como tema norteador o ato de ser criança no Movimento e o que isso significa. Aqui podemos ver todas as outras temáticas utilizadas para a classificação em diversas músicas, tudo interligado e presente, sendo o foco principal a infância, os direitos da criança, o cotidiano, o brincar e vivenciar, o sentir, as crianças como sujeitos políticos, a educação e a escola e o que o MST representa para os pequenos.

Quadro 5: Músicas/poesias em *Infância no MST*

TÍTULOS	AUTORES
CORRE MENINA. CORRE MENINO... (p.8)	Evandro Medeiros
O direito de viver (p.24)	Djacira
Xô preguiça (p.28)	Zé Pinto
Digo sim, digo não (p.29)	Marquinhos Monteiro
O importante é tentar (p.32)	Zé Pinto
Brotou um pé de educação (p.32)	Zé Pinto
Ser criança (p.35)	Rubinho do Vale
Ser criança (p.41)	Banda de Lata
Sementinha que liberta (p.45)	Marquinhos Monteiro
Ser criança (p.54)	Rubinho do Vale
ABC do amor (p.54)	Rubinho do Vale

Ser criança

(Banda de Lata)

Aqui no campo é gostoso brincar
E a natureza é nossa inspiração
De pega-pega, nós vamos te pegar
E no terreiro eu vou furar o chão
Desperta gente, tem sol a brilhar
Vamos brincar, brincar de pião
Aqui no campo é gostoso brincar
E a natureza é nossa inspiração
Aqui no campo é gostoso brincar
E a natureza é nossa inspiração
E desse jeito feliz vou viver
E é no campo que eu quero morar
Vejam lá menino na carreira
Cai no poço, o outro vai falar
Nem me triscou, peguei a bandeira
Chegou a hora, é hora de cantar
E desse jeito feliz vou viver
E é no campo que eu quero morar
E desse jeito feliz vou viver
E é no campo que eu quero morar
Banda de lata criança feliz
Nossa festa é verdadeira
Nossa bandeira é estudar
Banda de lata criança feliz
Nossa festa é verdadeira
Nossa bandeira é lutar.
(MST, 2018, p. 41)

A canção “Ser Criança” de autoria da Banda de Lata – uma banda do assentamento Recreio, localizado em Quixeramobim – CE foi escolhida para estar no trabalho, pois exprime bem o que é ser uma criança Sem Terrinha, além de ter sido organizada e produzida junto com as crianças, que participam da canção. Ela ilustra o dia a dia de uma criança do campo, que tem contato com a natureza e a importância do brincar nesse ambiente. Além de enfatizar a luta do Movimento, também deixa explícito que as crianças precisam estudar, precisam ser livres e acima de tudo, felizes.

O Caderno tem seu final marcado por brincadeiras, no bloco **Brincadeiras de Brincar e Dançar**; nessa parte estão diversas cantigas e brincadeiras tradicionais, que nós estávamos acostumados a brincar e entoar, nossos pais e avós e assim sucessivamente. A exemplo, a cantiga “Abre a roda”, muito cantada, brincada e interpretada durante os anos.

Abre a roda

Ôi abre a roda, tindolelê
Ôi abre a roda, tindolalá
Ôi abre a roda, tindolelê
Tindolelê, tindolalá
Ôi bate palmas, tindolelê
Ôi bate palmas, tindolalá
Ôi bate palmas, tindolelê
Tindolelê, tindolalá

E dá um giro, tindolelê
Torna a girar, tindolalá
E dá um giro, tindolelê
Tindolelê, tindolalá

Dá um pulinho, tindolelê
Outro pulinho, tindolalá
Dá um pulinho, tindolelê
Tindolelê, tindolalá

E segue a roda, tindolelê
E volta a roda, tindolalá
E segue a roda, tindolelê
Tindolelê, tindolalá

E fecha a roda, tindolelê
E abre a roda, tindolalá
E fecha a roda, tindolelê
Tindolelê tindolalá
(MST, 2018, p.68)

A infância no MST também é fomentada e alimentada por cantigas populares e brincadeiras conhecidas, além de outras músicas e personagens externos ao Movimento. As crianças, hoje em dia, têm acesso a inúmeros conteúdos, através de telas, livros e as músicas que citamos no presente trabalho. Isso pôde ser observado também nas experiências e práticas pedagógicas desenvolvidas com as crianças nas Cirandas, que gostavam e citavam personagens e músicas diversas. Em um dia chuvoso de trabalho na Ciranda Infantil do Encontro Estadual do MST, apresentamos o filme: “A Era do Gelo” – que se trata de uma animação, cheia de aventuras, com animais pré históricos, que vivem cercados de gelo, há 20 mil anos atrás - para que eles pudessem assistir, ver alguns animais diferentes, comentar com seus pares; e ao longo dos dias utilizamos uma caixa de som que tocava de músicas do Movimento, a canções e cantigas populares, grupos infantis como o ³Palavra Cantada, e foram momentos de grande partilha com as crianças.

Dessa forma pudemos nos conectar com as crianças e entender mais o que elas consumiam para planejar um bom trabalho, que fosse realmente significativo para elas, para além do cunho político e para além do que já estavam acostumadas a compartilhar. Fizemos danças, brincadeiras, cantamos músicas diferentes, fomos ensinados, também, por elas, e com certeza aprendemos muito compartilhando com os Sem Terrinha que ali estavam.

A música tem como papel principal na construção da identidade da criança Sem Terrinha, a representação. O que é a criança do campo? Quais são seus direitos? Qual sua função no Movimento? Suas vontades e quereres são levados em consideração, não só pelo Movimento, mas por toda a sociedade? O que difere a infância do Movimento com as outras infâncias? A partir das análises das canções e poesias é possível encontrar algumas respostas para essas perguntas. Foi possível observar que música se faz muito importante na construção da identidade da criança Sem Terrinha e se

³ A banda Palavra Cantada, fundada em 1994 pelos músicos Sandra Peres e Paulo Tatit, traz melodias, letras e arranjos originais, priorizando uma poética que respeite a inteligência e sensibilidade das crianças. Para saber mais: <https://www.palavracantada.com.br/quem-somos>

configura como fonte para entendê-la e contextualizá-la.

Com a musicalidade do MST, pudemos identificar a trajetória até o reconhecimento da criança como um ser de voz ativa e não um vir-a-ser e o processo que levou o Movimento a enxergar os pequenos dessa forma. Para tanto, é importante trazer a música, também, como figura presente em diversos momentos da convivência das crianças; na escola, nos momentos de lazer, no brincar, no lutar e que ela também está presente nos momentos mais corriqueiros da vida das crianças, e isso também faz parte da construção da infância no Movimento Sem Terra, uma vez que, são momentos que fazem parte de uma gama de direitos das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho foi possível analisar a infância no Movimento Sem Terra dos Trabalhadores Rurais, uma vez que, nele consideramos as crianças como sujeitos de completudes singulares, que exercem papel ativo em seus processos de formação enquanto crianças e estando na infância, e transformam e participam do seu contexto, os quais os influenciam diretamente. Foi possível perceber as singularidades da infância Sem Terrinha, através do levantamento bibliográfico e das minhas experiências pessoais, que foram fundamentais para compreender a importância da Ciranda Infantil no processo identitário dessa infância, e assim entender como esse espaço se caracteriza como um dos núcleos de experiência que essas crianças têm com seus pares, com o Movimento e os educadores e voluntários envolvidos. E que, além de tudo, ainda carrega o caráter de cuidado, ao receber as crianças enquanto suas famílias, discutem, lutam e trabalham por melhores condições, direitos que são constantemente negados, terra, soberania popular e Reforma Agrária. As crianças também participam de todas essas pautas, de forma didática e lúdica, respeitando seu tempo de vida e sua idade e aprendem sobre quem são, onde estão e de onde vieram.

O objetivo dessa monografia, foi analisar o papel da música na construção da infância no campo e sabendo que em sua cotidianidade, com seus familiares ou nas Cirandas Infantis as crianças têm contato frequente com a música; e essas as dão um infinito de possibilidades de representação; notamos que, para as crianças Sem Terrinha, em particular, a música é ferramenta para expressão de sonhos, das experiências das crianças, para se reconhecerem como militantes do MST, levam educação, a brincadeira e a dança consigo, despertam as crianças para seus direitos e dão espaço para que os pequenos sejam os próprios protagonistas de suas jornadas.

Tal condição foi possível de ser observada com a classificação do Caderno de Canções Infantis e com todos os outros documentos que completam essa percepção. A música, com sua capacidade de mutabilidade, seja de assuntos, de estilo, para entoar uma brincadeira, uma cantiga de roda ou a música de um personagem favorito, está presente a todo o momento, no entorno, no corpo, no batuque, na voz, nas palavras de ordem, nos sons, ao conversar, ao ouvir, ao descansar, ao ir à escola e por aí vai.

Pesquisar diferentes infâncias e o que as fazem ser como são se faz importante principalmente por que ao longo da história, as crianças, principalmente as da classe trabalhadora foram invisibilizadas. Bem como o conceito de infância era esvaziado e a criança que era estudada não representava a realidade das diversas infâncias. Assim, estudar a criança, seu meio, e seus direitos efetiva-se como prática, também, de continuação de garantia desses direitos e como forma de conhecer as diferentes infâncias e as diferentes crianças, não só no Brasil, mas no mundo.

A música foi escolhida como dispositivo dentro da pesquisa, pois acredito em seu potencial

de reafirmar o pertencimento das crianças do Movimento Sem Terra, e de tantas outras. Nessa pesquisa percebi como a música se transforma, se adapta e se integra; é expressão de sentimentos e de cultura e está presente em todas as fases da vida das pessoas em diferentes momentos e de diferentes formas, se mostrando importante em diversos processos, desde o nascimento até o fim da vida, sendo forma de linguagem e do pertencimento social.

REFERÊNCIAS

ARENHART, Deise. **Infância, educação e MST: quando as crianças ocupam a cena**. Chapecó: Argos, 2007.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Editora Vozes, 2000.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. Construindo a primeira infância: o que achamos que isso seja? In: DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DALMAGRO, Sandra Luciana. **A escola no contexto das lutas do MST [tese]** – Florianópolis, SC, 2010.

DOS SANTOS, Felinto Procopio. **A música no MST: As influências ideoculturais na formação da consciência**. UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

KUHLMANN JR., M.; FERNANDES, R. Infância: construção social e histórica. In: VAZ, Fernandez Alexandre. MOMM, Machado Caroline. **Educação Infantil e sociedade: questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

KUHLMANN JR., M.; FERNANDES, R. **Sobre a história da infância**. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELLO, S. A. **Infância e Humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. *Perspectiva* (Florianópolis), v. 25, p. 83-104, 2007.

MST. **Educação Infantil: Movimento da vida, Dança do Aprender**. Caderno de Educação, São Paulo, n. 12, nov. 2004.

MST. **Caderno de Canções Infantis**. 1º Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, 2018.

MST. **Ato político marca Encontro Estadual do MST no DF e Entorno**. Disponível em: <<https://mst.org.br/2023/01/16/ato-politico-marca-encontro-estadual-do-mst-no-df-e-entorno/>>. Acesso em: 21 jan. 2024.

Palavra de ordem. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/palavra-de-ordem/>>. Acesso em: 21 jan. 2024.

Quem Somos. Disponível em: <<https://mst.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 21 jan. 2024.

RAMOS, Márcia Mara. **A significação da Infância em documentos do MST**. Revista Tamoios, v. 9, n. 2, 2013.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; LINO, Dulcimarta Lemos. **Estar à escuta: música e docência na educação infantil**. Childhood & Philosophy, Rio de Janeiro, v. 15, pp. 01-24, out. 2019.

ROSSETTO, Edna Rodrigues Araújo; SILVA, Flavia Tereza da. **Ciranda Infantil**. In: PEREIRA, Isabel Brasil et al. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Rio de Janeiro; Expressão Popular: - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.

SETOR DE EDUCAÇÃO. MST. **Plantando Cirandas 1- Caderno de letras e cifras de músicas**. Caderno de Estudos, 1994.

SETOR DE EDUCAÇÃO. MST. **Plantando Cirandas 2- Caderno de letras e cifras de músicas**. Caderno de Estudos, 2001.

SETOR DE EDUCAÇÃO. MST. **Plantando Cirandas 3- Caderno de letras e cifras de músicas**. Caderno de Estudos, 2014.

SILVA, Ana Paula Soares da; FELIPE, Eliana da Silva; RAMOS, Márcia Mara. **Infância do Campo**. In: PEREIRA, Isabel Brasil et al. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Rio de Janeiro; Expressão Popular: - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.